

IDEOLOGIA E REPRESENTAÇÃO DE ATORES SOCIAIS: A INVASÃO AO IRAQUE

Viviane C. Vieira Sebba Ramalho
Doutoranda/Universidade Nacional de Brasília

Resumo:

Este artigo, baseado nos pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso Crítica (Chouliaraki & Fairclough, 1999; Fairclough, 2003), procura investigar o discurso da mídia impressa brasileira sobre a invasão anglo-saxônica ao Iraque no ano de 2003. A análise lingüística centrou-se na investigação das maneiras de representar as pessoas envolvidas na invasão, por meio da análise da *representação de atores sociais*. A análise sócio-discursiva realizada permite depreender que, em grande parte, os sentidos veiculados pela grande mídia têm caráter ideológico.

Palavras-chave: discurso; invasão ao Iraque; mídia brasileira; representação de atores sociais.

Abstract:

This paper, based upon theoretical and methodological concepts of Critical Discourse Analysis, seeks to examine the Brazilian print media's discourse on the U.S.-Iraqi invasion in 2003. The linguistic analysis focused upon examining ways of representing how the persons involved in the invasion were addressed through an analysis of the *representation of social actors*. The socio-discursive analysis carried out serves to reveal that in most instances the meanings transmitted by major media are ideological in nature.

Key words: discourse; Iraqi invasion; Brazilian press; representation of social actors.

Résumé:

Cet article, basé dans les présupposés théoriques-methodologiques de l'Analyse du Discours Critique (Chouliaraki & Fairclough, 1999 ; Fairclough, 2003), investit le discours dans le média écrit brésilien sur l'invasion anglo-saxonne dans l'Iraque dans l'année de 2003. L'analyse linguistique est centrée dans l'investigation des manières de représenter les personnes qui font partie dans l'invasion, par l'analyse de la représentation des acteurs sociaux. L'analyse du discours social réalisée permet comprendre que, en grande partie, les sens véhiculés par le grand média ont le caractère ideologique.

Mots-clés: discours ; invasion dans l'Iraque ; média brésilien ; représentations des acteurs sociaux.

Apresentação

Este artigo é parte dos resultados de uma pesquisa de mestrado que, com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso Crítica (Chouliaraki & Fairclough 1999; Fairclough 2003), buscou investigar o discurso da mídia impressa brasileira sobre a invasão anglo-saxônica ao Iraque no ano de

2003. Na dissertação (Ramalho 2005), analisei discursos da imprensa segundo três principais *significados do discurso* propostos em Fairclough (2003): acional, representacional e identificacional. Neste artigo, entretanto, apresento somente parte da análise da categoria lingüístico-discursiva *representação de atores sociais*, que se enquadra, sobretudo, no significado representacional do discurso.

Na primeira parte, abordo a concepção de discurso como “um momento irreduzível da vida social, dialeticamente interconectado a outros elementos da vida social” (Fairclough 2003:3), e dos significados do discurso. Na segunda parte, discuto, especificamente, acerca do significado representacional do discurso e da categoria analítica *representação de atores sociais* (van Leeuwen 1997). Na terceira, apresento a análise da representação de atores sociais na reportagem “Bush já está em guerra”, da revista *Veja*. Na quarta parte, teço algumas considerações a respeito da importância do discurso na instauração e manutenção de relações assimétricas de poder.

Discurso como um momento de práticas sociais: ação, representação e identificação

A Análise de Discurso Crítica funda-se na epistemologia do realismo crítico, cujo expoente é reconhecido no filósofo contemporâneo Bhaskar (1989). O realismo crítico considera a vida social e natural um sistema aberto, constituído por várias dimensões — física, química, biológica, psicológica, econômica, social, semiótica —, e todas têm suas próprias estruturas distintivas, seus mecanismos particulares e poder gerativo. Na produção da vida, a operação de qualquer mecanismo é mediada pelos outros, de tal forma que nunca se excluem ou se reduzem um ao outro.

Com base nesse pensamento e no conceito de prática social do materialismo histórico-geográfico de Harvey (1996), o enquadre de 1999/2003 de ADC (Chouliaraki & Fairclough 1999; Fairclough 2003) reconhece a vida social constituída em torno de *práticas*, que correspondem a maneiras habituais, em tempos e espaços particulares, pelas quais pessoas aplicam recursos para interagirem. Toda prática social articula diferentes elementos da vida — ação e interação; relações sociais; pessoas (e suas crenças, valores, atitudes, histórias, e

outros), mundo material e discurso¹ (Fairclough 2003: 205). Sendo assim, há uma clara interação dialética entre estruturas sociais e discurso.

Quando esses elementos são reunidos, tornam-se momentos de práticas particulares, cada qual com seu poder gerativo e mecanismos individuais, que se relacionam dialeticamente sem se reduzirem um ao outro. Isso implica, por um lado, que todos os momentos (não-discursivos e discursivos) de práticas sociais particulares entram continuamente em relações mutáveis uns com os outros, e, por outro, implica que todos os momentos de uma rede de diversas práticas sociais encontram-se em articulação. As Figuras 1 e 2 procuram ilustrar, respectivamente, a composição de práticas sociais particulares e a composição da prática particular da imprensa brasileira, em análise.

Figura 1 – Composição de práticas sociais particulares

Figura 2 – Composição da prática particular da imprensa brasileira

A semiose, como um momento de práticas sociais, tem sua própria força gerativa e interioriza elementos da ação social, das relações sociais, das crenças das pessoas envolvidas direta ou indiretamente na prática particular, e do mundo material em que se desenvolve a ação, além de ser interiorizada por eles em diferentes formas de articulação. Dessa forma, o discurso é visto como *um* momento da prática social ao lado de outros momentos igualmente importantes.

Assim, além das articulações que ocorrem entre os momentos das (redes de) práticas sociais, existe a articulação entre os próprios recursos internos de um momento específico da prática social, como o discurso. O movimento articulatório entre discurso e demais momentos de uma prática social é materializado nos recursos internos desse momento semiótico, quais sejam: gêneros, discursos e estilos.¹ Tais recursos constituem os três *principais significados do discurso: significado acional, representacional e identificacional*.

¹ Fairclough (2003:26) distingue duas acepções do termo *discurso*: como substantivo abstrato, significando linguagem e outros tipos de semiose como elementos da vida social e, mais concretamente, como um substantivo contável, significando modos particulares de representação de parte do mundo.

¹ Gêneros constituem “o tipo de linguagem ligado a uma atividade social particular”; discursos implicam “o tipo de linguagem usado para construir algum aspecto da realidade de uma perspectiva particular” e estilos (ou vozes, segundo o termo original do livro), o

O significado acional aproxima-se da função interpessoal de Halliday (1985) e incorpora a função textual; o significado representacional corresponde à função ideacional e o significado identificacional, por sua vez, incorpora traços da função interpessoal. Esses significados correspondem às principais maneiras como a semiose figura em práticas sociais: como modos de agir, modos de representar e modos de ser, bem como aos recursos que compõem ordens de discurso: gêneros, discursos, estilos. Essa composição é ilustrada pela Figura 3 — Composição do momento semiótico de práticas sociais.

Figura 3 – Composição do momento semiótico de práticas sociais

Fairclough (2003) explica que, por meio da fala e da escrita, agimos e interagimos, logo, o discurso figura primeiro como parte da ação. Diferentes gêneros correspondem, então, a diferentes modos de (inter)agir discursivamente. Em segundo lugar, o discurso figura na *representação* do mundo material, de outras práticas sociais ou em representações auto-reflexivas da própria prática particular, que se realizam discursivamente e que variam conforme as diferentes perspectivas ou posições dos sujeitos nas práticas sociais. Em terceiro e último lugar, o discurso figura na *identificação*, na constituição de modos particulares de ser, ou seja, identidades sociais ou pessoais particulares, que se relacionam ao estilo. Embora esses significados sejam dialéticos e irreduzíveis, para fins analíticos, focalizo a perspectiva representacional do discurso.

Discursos como maneiras particulares de representar atores sociais

Discursos³ constituem *maneiras particulares de representar aspectos do mundo*: as relações sociais, o mundo material, as crenças, e assim por diante. Diferentes discursos são diferentes perspectivas do mundo, associadas a diferentes relações que as pessoas estabelecem com o mundo, suas identidades pessoais e sociais, e as relações sociais que estabelecem com outras pessoas.

“tipo de linguagem usado por uma categoria particular de pessoas e relacionado a sua identidade” (Chouliaraki & Fairclough 1999:63).

³ Entendido não como um momento de práticas sociais, mas como um momento do momento semiótico de práticas sociais.

Atores sociais envolvidos em eventos e práticas sociais e as relações estabelecidas entre eles podem ser analisadas, em textos e interações, de um ponto de vista representacional, em termos de que atores são incluídos ou excluídos na representação, e a que atores é dada proeminência, por exemplo. As diferentes realizações lingüísticas a que os locutores recorrem para representar atores sociais em textos podem indicar posicionamentos ideológicos em relação a eles e a suas atividades. Por isso, a análise de tais representações pode ser útil no desvelamento de ideologias em textos e interações.

Van Leeuwen (1997) apresenta uma descrição sócio-semântica minuciosa dos modos pelos quais os atores sociais podem ser representados. Cada uma das escolhas representacionais propostas pelo autor está ligada a realizações lingüísticas específicas. Não se trata de comparar a representação com a verdade a respeito do evento concreto, afinal, a “verdade” se estabelece de acordo com representações particulares. Trata-se de comparar diferentes representações do mesmo evento ou de eventos semelhantes, na perspectiva de como representam, preferencialmente, certos atores sociais. Sendo assim, para analisar a maneira como o discurso particular da imprensa brasileira representa atores sociais envolvidos no conflito internacional, faço um levantamento, com base em Leeuwen (1997), de algumas escolhas lingüísticas realizadas na reportagem “Bush já está em guerra”, da revista *Veja*.⁴

Análise da representação de atores sociais em *Veja*

Os dados relevantes desse levantamento, dispostos quantitativamente na Tabela 1 – Representação de atores sociais na reportagem “Bush já está em guerra”, a seguir, concernem, primeiramente, à organização em torno do protagonista, representado pelos governantes dos EUA (n=24) e pelo próprio presidente dos EUA, (n=15) e do antagonista, representado por Saddam (n=17), que aparecem nomeados significativas vezes.

Tabela 1 - Representação de atores sociais na reportagem “Bush já está em guerra”

O governo iraquiano não é representado por meio de nomeação, o que sugere valorização dos governantes dos EUA, tais como Colin

⁴ Revista *Veja*, ed. 1788, ano 36, n.5, 5 de fev 2003, p. 62-5.

Powell, Donald Rumsfeld, Norman Schwarzkopf, Stephen Baker e o ex-presidente George Bush, ou tentativa de legitimação desses discursos. Leeuwen (1997: 200) explica que, assim como nas narrativas ficcionais, nas narrativas da imprensa às personagens sem nome cabem apenas papéis passageiros e funcionais, e não se tornam pontos de identificação para o leitor. Além da valorização do seu papel, a classe dirigente dos EUA ainda aparece apoiada por enunciados autonomizados, como ilustra o exemplo (1):

- (1) *Estimativa de um comitê do Congresso americano mostra que, em três meses, os gastos com pessoal, operações e transporte de armas deverão consumir até 12,5 bilhões de dólares (p. 64).*

Como observa Leeuwen (1997:209), a autonomização empresta uma espécie de autoridade impessoal aos enunciados. Nesse sentido, não é possível atribuir facilmente o enunciado a alguém, logo ele ganha o estatuto de “objetividade”, dado que parece não representar uma opinião e, sim, um fato independente de posições subjetivas. Vejamos outro caso de encobrimento de agência nos exemplos seguintes:

- (2) *Até lá, os Estados Unidos terão em posição de combate sua força máxima, o que pode chegar a 250 000 soldados (p. 64).*
- (3) *As informações vazadas pela Casa Branca no fim de semana indicavam que se trata de fotos de satélites mostrando o transporte de material suspeito, gravações telefônicas de encontros entre integrantes do regime de Bagdá e terroristas da Al Qaeda (p. 64).*

Em vez da referência explícita a determinados nomes de atores, o locutor utiliza o recurso representacional da espacialização, que, nesses exemplos, encobre o papel dos atores governantes dos EUA na decisão de enviar ao Iraque 250.000 soldados sem autorização formal da ONU e na denúncia da ligação entre Saddam e movimentos radicais do islã político. Outro dado relevante toca à coletivização “os americanos”, conforme ilustrado no exemplo a seguir:

- (4) *Os americanos só têm a ganhar se conseguirem autorização da ONU para invadir o Iraque e derrubar Saddam Hussein. Para isso, precisarão reverter a resistência à guerra (p. 64).*

Thompson (2002:84-5) enquadra esse dispositivo lingüístico no modo de operação da dissimulação por sinédoque, em que a junção semântica da parte e do todo pode dissimular relações sociais através da confusão ou inversão das relações entre grupos particulares e formações sociais e políticas mais amplas. Sendo assim, a exemplo do excerto (4), o termo genérico “os americanos” passa a ser usado para se referir ao governo dos EUA. No texto, esse termo oscila entre a representação da população estadunidense e da equipe governamental dos EUA, de tal forma que universaliza, no nível simbólico, o interesse particular dos últimos como sendo de toda a população estadunidense. A população norte-americana é representada ainda de forma agregada, por dados estatísticos. O exemplo (5) ilustra esse recurso:

- (5) Antes do discurso, apenas 47% dos americanos apoiavam uma intervenção militar no Iraque sem respaldo da ONU. Depois que Bush terminou sua exposição, o índice de aprovação pulou para 67% (p. 63).

Segundo Leeuwen (1997:195), a agregação é usada muitas vezes para regulamentar a prática e para produzir uma opinião de consenso, mesmo que se apresente como mero registro de fatos. A agregação da população americana em pesquisas de opinião sobre a posição contrária ou favorável à guerra serve, portanto, para produzir a opinião de consenso, uma vez que se representa uma suposta maioria a favor da política estadunidense. O movimento social islamista, por sua vez, é representado, sobretudo, por meio da coletivização pelas designações *fundamentalistas* ou *terroristas*, conforme mostra o exemplo abaixo:

- (6) Não é difícil imaginar como os *fundamentalistas islâmicos* poderiam usar a guerra para fomentar o ódio aos EUA na região (p. 64).

O sentido desse tipo de representação pode anular todo o caráter político do movimento e o transformar em um grupo de pessoas que gera o medo por motivações estritamente religiosas. A ação e motivação políticas particulares do movimento são descaracterizadas por designações coletivizadas, que ofuscam a resistência à globalização por sugerirem que todos os muçulmanos são igualmente antiocidentais por natureza e não por motivos políticos e históricos. Quanto aos atores sociais que, por diversos motivos, colocariam suas vidas em risco durante a invasão, cumpre comentar que os soldados

americanos são impersonalizados por instrumentalização. Os exemplos (7) e (8) apresentam essa escolha representacional:

- (7) A tendência desta vez é restringir os *bombardeios aéreos* aos centros de comando (p. 65).
- (8) Na prática, a contagem regressiva para a queda de Saddam teve início três meses antes, quando a Casa Branca começou a despachar sua *máquina de guerra* para o Golfo (p. 63).

Em análise da cobertura jornalística da grande mídia, no Brasil e no mundo, à invasão do Iraque pelos EUA em 2003, Aldé (2004) identifica quatro enquadramentos principais que moldaram, em geral, a cobertura desse conflito: o militar, o econômico, o humanista e o político. Segundo a autora, a revista *Veja* foi exemplo da adoção da perspectiva militarista da guerra, que se centrou nas táticas e estratégias de guerra, nos arsenais e equipamentos; enfatizou as informações sobre armamentos, trajetórias, mapas, manobras, movimentos, comparação de forças etc. Esse enquadramento reforçou o lado militarmente mais poderoso, chamando atenção para a disparidade de forças e para o cronograma e organização a partir da versão dos invasores.

A pesquisadora destaca que, em se tratando de notícia sobre uma guerra, constitui um enquadramento evidente, em função do tema, e previsível, dada a carga dramática e imagética preconizada pelos meios de comunicação em massa, entretanto a ênfase ou a exclusividade dessa perspectiva fortalece o argumento da força, destacando o caráter supostamente “inócuo” das gestões contra a guerra e as previsões otimistas do lado mais forte (Aldé 2004:9).

A representação dos soldados americanos e aliados em termos de “os bombardeios aéreos”, no exemplo (7), e “máquina de guerra”, no exemplo (8), em vez de *peessoas* corrobora a afirmação de que a revista *Veja* preconizou a perspectiva belicista, que estancou o debate político e humanitário a respeito das vítimas da guerra e favoreceu a versão dos invasores.

Considerações finais

Uma vez que “a luta hegemônica entre forças políticas pode ser vista, em parte, como disputa pela sustentação de um *status* universal para representações particulares do mundo” (Fairclough, 2003: 45), a reportagem em análise sustenta a representação dos governantes dos EUA como se fosse a única representação possível e contribui para naturalizá-la. Os resultados desta análise apontam para o fato de que a grande mídia brasileira reproduziu o discurso ideológico proveniente dos EUA, o que pode ter influenciado tanto a construção parcial de uma identidade social negativa para iraquianos e muçulmanos quanto a opinião pública a respeito da legitimidade de se liderar o massacre no Iraque.

Referências Bibliográficas

- ALDÉ, A. *Enquadramentos do Iraque*. Disponível em: <http://www.unb.br/fac/comunicacaoepolitica/alessandra2004.pdf>>. Acesso em 15 nov. 2004.
- BHASKAR, R. 1989. *The possibility of Naturalism: a philosophical critique of the contemporary Human Sciences*. Hemel Hempstead: Harvester Wheatsheaf.
- Bush já está em guerra. *Veja*, São Paulo, ed. 1788, ano 36, n. 5, 5 fev. 2002, p. 62-5.
- CHOULIARAKI, L. & FAIRCLOUGH, N. 1999. *Discourse in late modernity: Rethinking Critical Discourse Analysis*. Edinbourg: Edinbourg University Press.
- FAIRCLOUGH, N. 2003. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge.
- HALLIDAY, M. A. K. 1985. *Introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold.
- HARVEY, D. 1996. *Justice, nature and the geography of a difference*. London: Blackwell.
- RAMALHO, V. C. V. S. 2005. *O discurso da imprensa brasileira sobre a invasão anglo-saxônica ao Iraque*. Dissertação. Departamento de Lingüística, Línguas Clássicas e Vernácula. Universidade de Brasília.
- THOMPSON, J. B. 2002. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes.
- van LEEUWEN, T. 1997. A representação dos atores sociais. In: PEDRO, E. R. (org.) *Análise Crítica do Discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional*. Lisboa: Caminho, p.169-222.